

FRONTEIRAS  
DO PENSAMENTOPENSAR  
NOS APROXIMA

Apresentação

Braskem

Patrocínio

Unimed

Parceria Cultural

HOSPITAL  
MOINHOS DE VENTO

MARISTA

Parceria Institucional

PUCRS

instituto cpfl

UNICRED

# “A nova tentação do demônio é a simplicidade”



AMÓS OZ EM PORTO ALEGRE



Uma plateia lotada aplaudiu a conferência de Amós Oz, quarta-feira, no Fronteiras do Pensamento

**AMÓS OZ** criticou a busca de heróis e vilões nos conflitos no Oriente Médio. Para o autor, o fanatismo nasce da tentativa de resolver problemas complexos com soluções simples

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

carlos.moreira@zerohora.com.br

Com nome de profeta bíblico, carisma de professor e verve de comediante judeu, o escritor israelense Amós Oz fez na noite de quarta uma palestra sobre política, literatura e intolerância dentro da série de conferências Fronteiras do Pensamento.

Oz começou por abordar a circunstância de ser romancista em um país em que, nas suas próprias palavras, “muitos leem um romance para ficar com raiva do autor ou dos personagens”.

– E muitos compram e leem o mesmo livro seis vezes para poder rasgá-lo e destruí-lo a cada vez. O que é ótimo para o mercado livreiro – disse o autor, com o humor sagaz que utilizaria ao longo de toda a conferência.

Ao mencionar que considera Israel uma das nações mais individualistas do planeta, com “8,5 milhões de cidadãos, 8,5 milhões de primeiros-ministros, 8,5 milhões de profetas, cada um com uma fórmula para a redenção instantânea e falando sem que os outros escutem”, Oz comentou que essa circunstância de certo modo ecoa um gene anarquista presente na trajetória do povo judeu. Para ele, nos “momentos bons”, ou seja, sem intolerância, racismo ou

fanatismo, a civilização judaica sempre abriu lugar para a dúvida, o debate e o humor.

– É uma civilização assentada em um texto antigo, mais suas interpretações, mais suas reinterpretações e até mesmo suas contrainterpretações.

Quando escrevo um ensaio é porque estou com raiva, mas, quando ouço mais de uma voz dentro de mim, é sinal de que estou grávido de um romance

A dúvida, o gosto pela discussão e o humor são características que Oz considera redentoras diante do que vê como a grande praga da contemporaneidade, a ascensão e a reemergência de fanatismos de variadas cores e ideologias, políticas e religiosas. Para ele, essa epidemia tem uma razão simples: confusas, as pessoas querem a sensação de que há uma solução fácil para questões complexas.

– Questões de guerra, paz, globalização, multiculturalismo são sempre complicadas, e o fanatismo oferece a solução simples de quem e como culpar por problemas que surgem dessa complexidade. Penso que a nova tentação do demônio nos dias de hoje é a da simplicidade.

Oz estendeu a crítica das soluções simples às análises sobre o conflito entre Israel e Palestina. Para ele, muitos tomam partido sem conhecer os detalhes da questão porque querem se sentir bem alinhando-se aos “bons” em oposição aos “maus” da questão. Para ele, a disputa entre israelenses e palestinos não é de apreensão fácil e não tem um “lado mau” delineado.

Ao evocar um de seus heróis literários, Anton Tchekhov, que também foi médico de aldeia, disse que a ética de um “doutor no campo” era um modelo apropriado para se pensar a questão: a função de um médico diante de um paciente é aliviar sua dor e administrar a cura, não a redenção da alma. Por isso, diz que as soluções que pretendem tornar Israel um Estado binacional estão fadadas ao fracasso depois de cem anos de guerra e ódio mútuo.

– Sou a favor de dividir a casa pequena em dois apartamentos menores, e passar a uma convivência pragmática entre vizinhos, cumprimentando-se quando ambos se encontram nas escadas. Depois de algum tempo, pode haver uma visita. Um dia, um jantar, e anos e anos depois, talvez possam fazer alguma coisa juntos. Um mercado comum do Oriente Médio, por exemplo. Mas agora, o primeiro e decisivo passo é haver dois Estados soberanos.

Oz declarou que não acredita em salvação, e sim em soluções, e passou a definir em que momento se pode separar seu trabalho como romancista de seus textos diretos e incisivos nos jornais, mui-

tos deles extremamente críticos ao governo de seu país, três deles reunidos no mais recente lançamento, o livro *Mais de uma Luz*.

“

Politicamente, ainda sou o oposto do meu pai, mas ele sempre quis que eu fosse um homem escrevendo em um gabinete cercado de livros

– Quando escrevo um ensaio, é porque estou com raiva. Porém, quando sinto uma propensão de discordar de mim mesmo, ouço mais de uma voz dentro de mim, é sinal de que devo estar grávido de um romance.

Oz concluiu comentando que escreve para se imaginar no lugar de outro. Não para ser o outro ou para sentir o que ele sente, mas para entender o outro um pouco melhor. E, no processo, entender melhor a si mesmo. De acordo com ele, sua rotina de trabalho passa por um processo que o ajuda a colocar vários temas em perspectiva. Acorda ainda com a madrugada alta, às quatro da manhã, faz alguns exercícios e sai em uma caminhada a pé pelas ruas de seu bairro. Só depois, às vezes ainda com o céu escuro, volta para casa e começa a escrever.

– Essa caminhada é essencial para clarear a perspectiva. Se na noite anterior ouvi algum político dizendo “nunca” ou “para sempre”, caminho e vejo que as estrelas lá em cima estão rindo daquele “nunca”, e que o vento que sopra ri

daquele “para sempre”, e que a noção de eternidade de um homem não é a da própria eternidade.

Durante a sessão de perguntas, conduzida pela mediadora Cláudia Laitano, colunista e editora de Zero Hora, e com a participação do professor Jacques Wainberg, da PUCRS, este último recapitulou a história do profeta Amós e perguntou por que o escritor escolheu como pseudônimo a palavra Oz, que significa “coragem”. A escolha, de acordo com o autor, volta aos tempos de sua adolescência, quando, em conflito com o pai, um escritor de extrema-direita, o jovem Amós saiu de casa para viver num kibutz.

– Eu precisava de muita coragem para dar aquele salto no vazio. Embora esta minha rebelião, como muitas outras, tenha fechado um círculo. Politicamente, ainda sou oposto ao meu pai, mas ele sempre quis que eu fosse um homem escrevendo em um gabinete cercado de livros, então minha rebelião me levou a fazer hoje exatamente o que meu pai desejava de mim – disse ele.

Ao comentar o livro *De Amor e Trevas*, em que Oz narra sua infância e parte de sua adolescência no kibutz, Laitano perguntou se aqueles locais para ele hoje pareciam diferentes. Oz comentou que os kibutzim continuam florescendo, e que hoje há mais gente vivendo neles. Também diminuíram muitas das restrições dogmáticas. Já Jerusalém continua um “imã para messias e malucos”. Mas a ambivalência que o autor tem com a cidade não se repete com o idioma hebraico. Para ele, uma das grandes maravilhas da história cultural humana.

– Por 17 séculos, o hebraico esteve tão morto quanto o latim ou o grego antigo. Hoje, é o caso único de um idioma que renasceu e vive, e, neste exato momento em que falamos, há pessoas operando computadores, lançando foguetes ao espaço ou realizando neurocirurgias usando esse idioma que precisou criar tantas palavras novas baseadas na estrutura antiga.

## FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

Leonardo Padura (21/8), Thomas Piketty (28/9), Niall Ferguson (23/10), Alain Finkielkraut (6/11) e Martha C. Nussbaum (4/12)

Fronteiras do Pensamento é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moinhos de Vento; parceria cultural PUCRS e Instituto CPFL; e empresas parceiras CMPC Celulose Riograndense, Souto Correa, Sulgás e Thyssen Krupp. Parceria institucional Fecomércio e Unimed, apoio institucional Embaixada da França e Prefeitura de Porto Alegre. Universidade parceira: UFRGS. Promoção: Grupo RBS.